

Ritos e Festas Pankararu: uma etnografia da música ritual

por Maximiliano Carneiro da Cunha*

Resumo

O escopo desse trabalho é o estudo e a compreensão da música dos índios Pankararu como sinal diacrítico e também como forma de trazer a tona dados sobre o grupo que não são revelados através de outras abordagens. Os Pankararu habitam uma região na serra da Borborema próxima ao vale do São Francisco, numa área localizada entre os municípios pernambucanos de Tacaratu, Petrolândia e Jatobá e junto com outros grupos indígenas fazem parte de um processo que é chamado de emergência ou reemergência pela literatura indígena. Como o presente estudo foi realizado através uma abordagem etnomusicológica, minha intenção é mostrar como a música feita e usada pelos Pankararu em seus rituais e festas, revela aspectos particulares e peculiares do grupo, que surgem através desse tipo de abordagem, como por exemplo, aspectos de seu sistema social que até então foram pouco explorados por trabalhos anteriores. Assim, o objetivo do presente trabalho é mostrar que, através dessa investigação as músicas de um dado grupo – diferentemente da cultura ocidental, onde a música tem *a priori* a função de entreter – podem revelar características de sua organização social e cultural.

Introdução

No Nordeste do Brasil encontram-se alguns dos vários grupos indígenas que conseguiram sobreviver no país após seu longo processo civilizatório. Durante muito tempo esses grupos ficaram no esquecimento, pois havia um senso comum que afirmava não haver mais índios no Nordeste brasileiro. Isso aconteceu devido em boa parte à extinção dos aldeamentos existentes na região, além do fato de que, miscigenados, perderam muito de suas características físicas e culturais.

Felizmente, esse senso comum foi gradativamente sendo substituído por trabalhos que revelaram alguns grupos indígenas que ainda preservavam um pouco de suas características culturais e até mesmo um que ainda falava sua língua ameríndia

* PPG Antropologia UFPE

materna, como é o caso dos Fulni-ô. Esse processo de ressurgimento foi descrito na literatura através dos termos “emergência” (Oliveira, 1998) ou “reemergência” (Reensik, 1995).

Neste sentido, o presente trabalho vem somar-se a esses outros, enfocando um dos grupos que habita o estado de Pernambuco, na região do Médio São Francisco, chamado de Pankararu (Pancararu ou Pancaru).

Do etnográfico

Os Pankararu fazem parte de um dos oito grupos que habitam o estado de Pernambuco. Localizados próximo ao vale do rio São Francisco, o território Pankararu está entre os municípios de Tacaratu, Petrolândia e Jatobá, desse estado. Eles são em torno de 4.000 indivíduos distribuídos em 15 aldeias.

A música, objeto central desta pesquisa, está dividida entre *toantes* e *torés*, com uma forte relação com o sistema de crenças religiosas dos Pankararu que é representado na forma de seres sobrenaturais denominados de Encantados. Mas a influência dos Encantados não se restringe apenas à religiosidade do grupo. Ela está presente na organização social e política do grupo. Neste sentido, a música serve como veículo para a descoberta de aspectos que muitas vezes estão escondidos.

Para isso foi necessário registrar essa música durante os rituais e festas dos Pankararu, que aqui se limitaram as mais significativas para o grupo. As festas mais importantes são a *Festa do Imbu*, o *Menino do Rancho*, o *Toré* e o *Cerimonial do Ajucá*. Essas festas nem sempre possuem data fixa, o que dificultou um pouco a chance de registro das músicas e *performances* dos participantes.

Do musical

Pode-se dizer em primeiro lugar que a música está presente em todos os grupos sociais, seja em formas mais elaboradas, seja em formas mais simples. A música tem o poder de estar presente em situações absolutamente diversas. Pode não só estar presente em festas, mas também pode aparecer em rituais religiosos, rituais fúnebres, nas guerras, ou entre outros tipos de manifestações. Ela pode agregar, estimular ou mesmo relaxar de acordo com a situação em que é executada.

Para Blacking (1980: 7), “existe tanta música no mundo que é razoável supor que a música, da mesma forma que a linguagem e possivelmente a religião, é um traço específico da espécie humana. Os processos psicológicos e cognitivos essenciais que engendram a composição e a execução musical podem mesmo ser herdados geneticamente, e portanto presente em quase todo ser humano”.

A etnomusicologia é uma das formas de abordagem antropológica relativamente recente. Na verdade, o termo etnomusicologia é “...uma palavra relativamente nova, largamente utilizada para designar o estudo de diferentes sistemas musicais existentes no mundo” (*ibid.*: 1). De acordo com Alan Merriam, as raízes da etnomusicologia “...remontam a 1880 e 1890 com o início das atividades em campo primeiramente na América e Alemanha, quando os dois aspectos da etnomusicologia apareceram quase de uma vez” (Merriam, 1964).

Mas desde seu início, a etnomusicologia dividiu-se em duas linhas de pesquisa (Boilès e Nattiez, 1977). De um lado, com uma abordagem de cunho etnográfico, concernentes aos domínios da antropologia. Do outro, os estudos musicológicos da música étnica das sociedades não-ocidentais (Merriam, 1964).

“A etnomusicologia carrega em si mesma a semente de sua própria divisão, composta de duas partes distintas: a musicológica e a antropológica. Por isso seu maior problema seja talvez a união dessas duas partes sem enfatizar nenhuma delas, mas levando ambas em consideração” [*ibid.*].

Essa análise dos sons musicais, ao invés dos aspectos verbais, pode trazer à tona elementos que o parentesco, a religião, ou outros tipos de abordagem antropológicas poderiam deixar de perceber. Ou como diz Bastos (1978), “a falácia do verbo como tradutor de tudo...”, quando ele afirma que “o cerimonial é linguagem franca, intraduzível, intraculturalmente e de forma direta, por língua, coisa que se fale”.

A idéia de estudar um grupo através de uma abordagem etnomusicológica não é novidade no Brasil. Trabalhos de pesquisadores como Meneses Bastos (1978), Seeger (1980) e Aytai (1985), sobre os Kamayurá, os Suyá e os Xavante, respectivamente, se mostram ótimos exemplos de como essa disciplina vem ganhando um espaço cada vez maior no país.

No entanto, trata-se de uma abordagem ainda pouco utilizada pelos pesquisadores em ciências sociais, muito mais pela dificuldade em reunir em um único pesquisador o conhecimento musical e o antropológico.

Neste sentido, este trabalho tem a intenção de adicionar aos trabalhos etnomusicológicos já existentes, dados sobre um dos grupos indígenas do Nordeste brasileiro, cuja escassez de pesquisas se constituiu num dos estímulos para a realização dessa dissertação. Os Pankararu já não possuem mais seu idioma original, isto é, não falam uma língua ameríndia. Além disso, grande parte de sua cultura foi perdida por conta dos problemas decorrentes da colonização do Nordeste brasileiro (Pinto, 1958; Arruti, 1996). Contrariando tudo isso, o grupo mantém ainda hoje manifestações

culturais peculiares que são responsáveis pela preservação do pouco que lhes restou de sua cultura.

O processo metodológico desta pesquisa divide-se em dois tempos. No primeiro, uma análise comparativa entre os dados tanto relativos à música, quanto à organização social do grupo – que estão presentes na literatura sobre os Pankararu – com os dados, também musicais e sociais, que foram coletados durante a pesquisa de campo. O período de tempo estudado é de pouco mais 60 anos, isto é, de 1937, data em que o etnólogo Estevão Oliveira (1943) descreveu pela primeira vez o grupo e época em que a MPF (Carlini, 1993) registrou suas músicas, até 1999, ano do término desta pesquisa.

Essa relação entre passado e presente sempre foi uma das preocupações dos pesquisadores quando trabalham com as ciências sociais. Na Etnomusicologia bem como na Antropologia isso não podia ser diferente. Portanto, é através dessa relação que podemos fazer uma análise das transformações que a música e a organização social do grupo sofrem. Para Nettl (1996), a música tem a capacidade de sobreviver ao tempo, mesmo que seu contexto e seu significado tenham mudado:

“In most cases, what impresses me is not so much change, but the techniques societies have devised to prevent, inhibit, and control change, and to maintain musical tradition, permitting it to flourish while other things in life are forced to change. In music, perhaps more than in other domains of culture, people wish to tie their present to the past.” [Nettl, 1996: 1].

“... o estilo musical pode permanecer”, diz Nettl (*ibid.*), “... enquanto o contexto social e o sistema de idéias sobre música muda”.

Além de um trabalho mais minucioso com relação à música do grupo, com registros em áudio, assim como transcrições musicais das canções Pankararu, foi

realizado também um estudo da cultura material, como por exemplo, instrumentos musicais, máscaras de dança, vestuário, etc. Enfim, tudo que tem importância dentro do contexto da música, uma vez que é o contexto o responsável pelo entendimento do processo cognitivo desse grupo (Geertz, 1989).

No segundo momento, após um maior entendimento e conhecimento do grupo, foi feita uma análise sobre a música em sua forma mais profunda, ou seja, o que ela representa para os Pankararu. O objetivo disto, é revelar a importância da música Pankararu como responsável em grande parte, pela sua organização social, política e cultural, bem como a manutenção e preservação da identidade do grupo como povo indígena.

Um dos aspectos mais importantes da cultura Pankararu que está diretamente relacionado com a música é a crença mítica em seres sobrenaturais, chamados de Encantados. O mito desses espíritos protetores do grupo reflete as diversas modalidades expressivas da sociedade. Neste sentido, é que, através da análise das formas de comunicação baseadas nos sons, poderíamos ter uma melhor compreensão do *ethos* desse grupo, tal qual o caso do mito “the boy who became a Muni bird”, entre os Kaluli da Nova Guiné (Feld, 1985).

Não pretendo explorar a comparação com outros grupos indígenas do Brasil. Mas não posso deixar de mencionar alguns fatos que são relevantes para a identificação dos Pankararu como povo indígena, como no caso do aprendizado da música entre os Tapirapé através dos sonhos (Wagley, 1976; Graham, 1986) ou no caso da forte relação da música com a água, entre os Wayampi (Beaudet, 1994).

Do trabalho de campo

A pesquisa de campo nas ciências sociais é uma investigação absolutamente particular. Não importa se a técnica ou a metodologia usada seja a mesma, dificilmente um pesquisador se igualará a outro. Por isso, as discussões em torno da isenção do observador ou da forma que este “traduz” ou interpreta duplamente os dados (Cardoso de Oliveira, 1998), também são pontos que sempre estão em pauta quando a questão é trabalho de campo. As formas mais comuns de chegar até o nativo geralmente é em forma de entrevistas, livres ou em questionários. Ou ainda através da observação participante do pesquisador.

Os problemas que envolvem uma pesquisa de campo não deixaram de ser levados em conta: desde a entrada no grupo, passando pela cuidado em não ferir a suscetibilidade de pessoas importantes, o papel do pesquisador e suas diversas identidades sociais, ou as relações pessoais que consegue estabelecer, entre outras (Cicourel, 1990).

Para um melhor entendimento desse processo, faz-se necessário o esclarecimento de alguns pontos, como por exemplo o local onde essa pesquisa foi iniciada e centrada. Das quinze aldeias, por mim identificadas no território Pankararu, apenas duas delas realizam a principal festa Pankararu. Essas duas aldeias chamam-se Brejo dos Padres, principal aldeia Pankararu, e Serrinha, esta última local onde é realizada o final da festa do Imbu quando acontece a festa de encerramento das “Festa do Imbu” denominada de “Mestre Guia”.

Durante o período em que estive entre o grupo, procurei seguir a rotina usual da família onde estava residindo. Algumas vezes saía com eles para o roçado, enquanto noutras ficava apenas nas casas conversando com alguns dos indivíduos mais velhos do

grupo. Em todos as casas e locais por onde passei, sempre fui muito bem recebido e não tive nenhuma dificuldade em conseguir a colaboração dos Pankararu.

O material gravado (Mini Disc) durante meu tempo entre os Pankararu foi quase que totalmente registrado durante os rituais e festas. Algumas exceções se deram, por exemplo, como no caso da gravação dos torés. Por ser difícil grava-los durante as festas, já que o cantador vai para o centro do terreiro, consegui um registro feito na casa de um cantador Pankararu chamado Josias, que cantou alguns torés com a ajuda de algumas *cantadeiras*. Em outro caso, algumas *cantadeiras* por iniciativa própria juntaram-se na casa do cacique para gravar algumas das músicas do grupo. Além das gravações, todas as cerimônias que presenciei foram registradas através de fotografias.

Desnecessário dizer que, por questões de tempo e custo, este trabalho tem caráter exploratório, uma vez que as músicas só ocorrem durante as festas e nem sempre foi possível estar mais de uma vez em algumas delas, o que tornou a investigação mais difícil. Felizmente, tive a oportunidade de presenciar todas as festas integralmente – em especial *Festa do Imbu*, evento mais importante do grupo – e com a ajuda e depoimentos de alguns Pankararu, foi possível a realização desta pesquisa.

Conclusão

Os resultados da presente pesquisa ainda não foram totalmente concluídos. No entanto, posso afirmar que além de sinal diacrítico, isto é, de ser um elemento fundamental para a preservação da cultura e das tradições Pankararu, a música revelou alguns aspectos importantes da vida social do grupo. É através dela que os Pankararu entram em contato com os Encantados, seres sobrenaturais que fazem parte da crença religiosa, os quais influenciam todo o sistema social da vida dos Pankararu.

Referências Bibliográficas

ARRUTI, José Maurício P. A.

1996. *O reencantamento do mundo: trama histórica e arranjos territoriais Pankararu*. Tese de Mestrado. Rio de Janeiro: Museu Nacional – UFRJ.

AYTAI, Desidério

1985. *O mundo sonoro Xavante*. São Paulo: Museu Paulista.

BEAUDET, Jean-Michel

1994. *Music and water in indigenous America*. Paper.

BLACKING, John

1974. *How musical is man?* Seattle: University of Washington Press.

BOILÈS, C. & **NATTIEZ**, J.J.

1977. "Petit histoire critique de l’Ethnomusicologie". *Musique en Jeu*, 28 :54-66, Paris : Seuil.

CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto

1998. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília, Paralelo.

CARLINI, Álvaro

1993. *Cachimbo e maracá : o catimbó da missão (1938)*. São Paulo, Centro Cultural São Paulo.

CICOUREL, Aaron

1990. “Teoria e método em pesquisa de campo”. In: A. Zaluar, *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editores S.A.

FELD, Steven

1982. *Sound and Sentiment : Birds, Weeping, Poetics, and Song in Kaluli Expression*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

GEERTZ, Clifford

1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

GRAHAM, Laura

1986. “Three modes of Shavante vocal expression: wailing, collective singing, and political oratory”. In: J. Sherzer and G. Urban (Eds.), *Native South American discourse*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 83-118.

MENEZES BASTOS, Rafael J. de

1978. *A musicológica Kamayurá: para uma antropologia da comunicação no Alto-Xingu*. Brasília: FUNAI.

MERRIAM, Alan P.

1964. *The anthropology of music*. Evanston: Northwestern University Press.

NETTL, Bruno

1996. “Relating the present to the past: thoughts on the study of musical change and culture change in ethnomusicology – Article 1”. *Journal of Musical Anthropology of the Mediterranean* #1, http://gotan.cirfid.unibo.it/M&A/index/number1/ma_ind1.htm

OLIVEIRA, Carlos Estevão de

1943. “O ossuário da “Gruta-do-Padre”, em Itaparica, e algumas notícias sobre remanescentes indígenas no Nordeste”. *Boletim do Museu Nacional XIV – XVII*, 1938 – 1941, Rio de Janeiro, pp. 151-184, 28 pranchas.

OLIVEIRA, João Pacheco de

1998. “Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais” . *Conferência realizada no concurso para professor-titular da disciplina Etnologia*, Rio de Janeiro: Museu Nacional.

PINTO, Estêvão

1958. “Dados históricos e etnológicos sôbre os Pancararu de Tacaratu: remanescentes indígenas dos sertões de Pernambuco”. In: *Muxarabis & balcões e outros ensaios*. São Paulo: Editora Nacional, pp. 33-58.

REESINK , Edwin

1995. “O segredo do sagrado”. Trabalho apresentado na ANPOCS regional, maio de 1995, João Pessoa. 34 p.




SEEGER, Anthony

1980. *Os índios e nós*. Rio de Janeiro: Campus.

WAGLEY, Charles

1976. “Xamanismo Tapirapé”. In: E. Schaden, *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Guia para continuar

-  **Programação da ANPPOM 1999**
-  **Informação dos Participantes**
-  **Saída dos Anais da ANPPOM**